



# Serra Fina

Biodiversidade  
e Conservação

Turismo de  
Baixo Impacto

Ambientes e  
Atrativos





F.Dias

## Apresentação

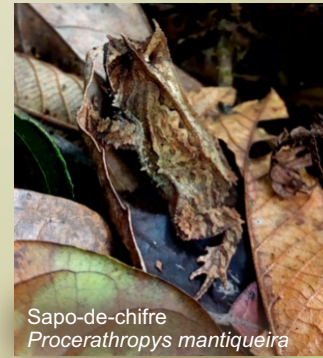
É com muita satisfação que entregamos a vocês, visitantes do Maciço da Serra Fina e moradores da região, esta cartilha. A intenção é apresentar uma descrição do frágil e raro ecossistema existente no local, abrangendo aspectos da sua geologia, hidrologia, fauna e flora.

Além disso, traçamos um breve histórico sobre a evolução da visitação descontrolada à Serra, culminando num incêndio, em julho de 2020, que provocou o fechamento do local por dois anos. Portanto, a cartilha tem como objetivo o compartilhamento de um material científico, para que seja conhecida a real importância e singularidade da região.

A Serra Fina está inserida dentro do território da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira (APA Mantiqueira ou APASM), Unidade de Conservação Federal, gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, em sua zona mais restritiva, definida como Zona de Conservação da Vida Silvestre. Em sua totalidade, a área é composta por um mosaico de propriedades privadas que se uniram para criar a Associação dos Proprietários da Serra Fina (APSF), que tem como único objetivo a conservação de todo o maciço, através do controle de acesso e manejo permanente.

Leiam e divulguem essas informações! Dessa forma, cada vez mais pessoas poderão compreender a importância do Maciço da Serra Fina. Ao reconhecer a sua grande riqueza ambiental, os visitantes também poderão assumir novas posturas e condutas em relação ao local. As boas práticas e o respeito às regras de visitação também são ações que colaboram com a conservação e perpetuação desse santuário ambiental, tanto para esta, como também para as futuras gerações.

Associação dos Proprietários da Serra Fina



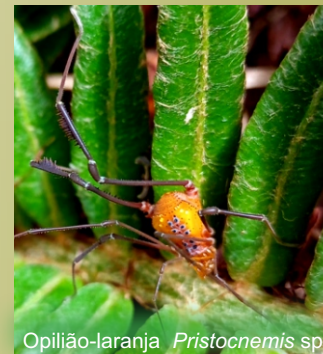
Sapo-de-chifre  
*Procerathropys mantiqueira*

Tassinari



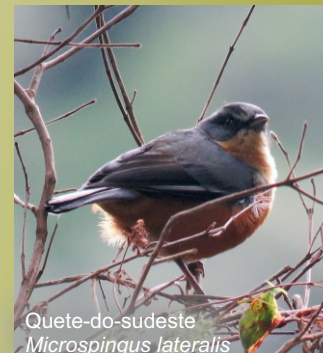
*Gelaspine coerulea*

Tassinari



Opilião-laranja *Pristocnemis* sp.

Tassinari



Quete-do-sudeste  
*Microspingus lateralis*

D.Gaasper

## No meio do caminho a Serra Fina

A Serra Fina abriga as montanhas e os picos culminantes da Serra da Mantiqueira que fazem a tríplice divisa entre os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Destaca-se entre eles a Pedra da Mina, o quarto maior cume do Brasil com 2.798 metros de altitude.

A Serra Fina encontra-se numa região onde são registradas as temperaturas mais baixas do Sudeste, com várias ocorrências de congelamento durante o inverno. Devido ao elevado gradiente de altitudes, são encontradas distintas condições ambientais com relativa proximidade geográfica. O clima predominante é temperado úmido, com inverno seco e verão chuvoso.

O bioma do qual faz parte é a Mata Atlântica, um dos ambientes mais ricos em biodiversidade e endemismos do planeta. A Mantiqueira, em sua totalidade, foi classificada como a oitava área protegida mais insubstituível para a conservação da vida animal pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

As trilhas da Serra Fina localizam-se em propriedades particulares, percorrendo as cristas das montanhas com vistas para paisagens espetaculares de campos de altitude e cidades do vale do Paraíba. Além disso, possuem atrativos e roteiros de grande interesse para praticantes de caminhada, corrida de montanha, vôo livre, *mountain-bike*, observação de aves, geoturismo e astroturismo.



## A Serra Fina tem história ...



A Serra Fina possui elevada geodiversidade, resultado de complexos eventos geológicos que se sucederam ao longo de eras.

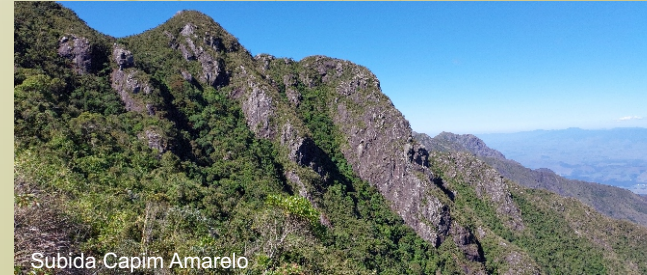
Há 2,0 bilhões de anos, durante período pré-Cambriano, formou-se a crosta terrestre composta de rochas predominantemente graníticas. No período Pleistoceno, há 560 milhões de anos, essas rochas sofreram intenso metamorfismo a partir da colisão entre a América do Sul e a África, durante a formação do supercontinente Gondwana. Nessa colisão, a cadeia de montanhas da Mantiqueira foi soerguida.

FCharadia



Cume da Pedra da Mina

LMdias



Subida Capim Amarelo



Posteriormente, há 60 milhões de anos, no período Cretáceo – quando América do Sul e África voltaram a se afastar –, o território do Sudeste brasileiro passou sobre uma porção muito quente do manto terrestre. Tal passagem acarretou no despejamento de magma, soerguendo não apenas o Maciço da Serra Fina, como também o Maciço do Itatiaia, territórios onde predominam as rochas alcalinas, nefelinas, sienitos e quartzo-sienitos, respectivamente.

Visualmente, essas rochas apresentam-se em variadas granulometrias e tons de cinza, com incrustações de cristais de feldspato e zircônia, além de serem ricas em alumínio. Após sofrerem ação do clima, no processo de intemperismo, originaram depósitos de bauxita.

Também contribuiu para formação do relevo atual da Serra Fina os fraturamentos sucessivos de seu maciço, ocorridos em cada era; o aparecimento de falhas geológicas; o acentuado desnível altitudinal; e a erosão diferenciada entre suas rochas antigas e as mais recentes.



Rocha nefelina com líquens



Subida Quartzito

Fotos: D.Gaspar



## Solos jovens e pedregosos...



**Neossolo Litólico Húmico**

Solo jovem, raso e rico em matéria orgânica

altitude 2.400 m



**Organossolo Fólico**

Solo orgânico sem encharcamento

altitude 2.320 m



**Neossolo Regolítico**

Solo jovem raso pedregoso

altitude 2.130 m



**Cambissolo Húmico**

Solo desenvolvido vegetação de floresta

altitude 1.800 m

A Serra Fina apresenta solos jovens, rasos, pedregosos e de baixa fertilidade natural.

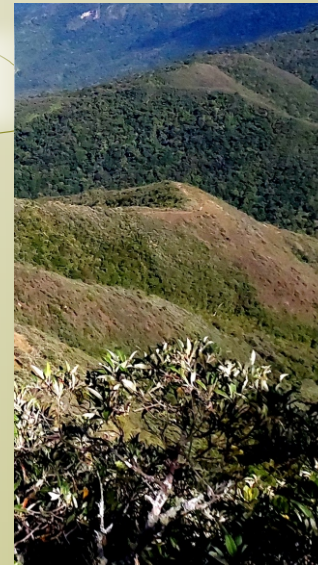
Nas áreas mais altas e declivosas ocorrem Neossolos Litólicos e Neossolos Regolíticos, solos rasos e pedregosos, constantemente rejuvenescidos pela erosão e muito sensíveis a perturbações ambientais. Nesse ambiente, predomina a vegetação de campos de altitude.

Devido às temperaturas mais baixas, a decomposição é mais lenta e os solos apresentam camadas superficiais muito ricas em matéria orgânica, com ocorrências de Organossolos, os quais têm relevante importância no armazenamento de água (“efeito esponja”) e no sequestro de carbono.

Nos locais menos declivosos, os solos são mais desenvolvidos. Destaca-se os Cambissolos, capazes de sustentar vegetação mais exuberante como as fisionomias florestais.

Juntos, a Serra Fina e o Maciço do Itatiaia formam a área contínua mais extensa de preservação do ecossistema de campos de altitude, apresentando inúmeras espécies endêmicas e de afinidade andina.

## Florestas montanas e altimontanas...



F.Chazarada



*Leptostelma maximum*

F.Chazarada



*Chionolaena adpressifolia*

L.D.Meirinhos



Orquídea *Gomesa warming*

D.Gaspar

Entre as fisionomias vegetais observadas na Serra Fina, podemos citar os Campos de Altitude com ilhas de vegetação em afloramentos rochosos, envoltos por Florestas Ombrófilas Montanas e Altimontanas. Além disso, destaca-se as Matas de Araucária e as áreas ripárias do Vales do Rio Verde e do Rio Claro, que compõem um complexo exclusivo de áreas verdes de altitude da Mata Atlântica.

Várias espécies vegetais endêmicas, de relevante interesse para educação ambiental e contemplação do visitante montanhista, estão nas áreas mais altas da Serra Fina. São arbustos e ervas que exibem pequenas flores muito vistosas e coloridas, polinizadas principalmente por abelhas nativas e beija-flores.

Margaridas, macelas, carquejas e arnicas, todas da família Asteraceae, são muito comuns nestes campos, bem como outros gêneros típicos de altitude na América do Sul. Recentemente, seis espécies novas foram descritas para a Serra, como *Senecio altimontanus* e *Chionolaena adpressifolia*, ambas Asteraceae. Há possibilidades de haver outras ainda desconhecidas.

As sempre-vivas (Eriocaulaceae) recebem este nome por manterem a aparência de seus buquês por longos períodos. Destacam-se também as orquídeas (Orchidaceae) e as bromélias (Bromeliaceae).





*Chionolaena isabellae*



Floresta ombrófila mista (mata de araucária).



*Alstroemeria foliosa*



Bambuzinho *Chusquea pinifolia*



Capim Amarelo  
*Cortaderia modesta*



*Hippeastrum morelianum*



canela-de-ema

Sempre-viva  
*Actinocephalus polyanthus*

## Campos de altitude...

Outras plantas muito típicas das áreas rochosas são *Eryngium glaziovianum* (Apiaceae), com suas flores e frutos azulados; as alstromérias amarelas (Alstroemeriaceae); e pequenas velozias com flores vermelhas da família das canelas-de-ema (Velloziaceae).

Plantas carnívoras, como *Utricularia reniformis* (Lentibulariaceae) e *Drosera montana* (Droseraceae), são exemplos de plantas que desenvolveram mecanismos para capturar e digerir pequenos animais – na maioria insetos – como forma de adaptação à sobrevivência em solos de baixa fertilidade.

Já as matas de candeia (*Eremanthus erythropappus*) ocorrem na transição entre as florestas montanas e os campos de altitude.

Nas Florestas Nebulares Altimontanas, as araucárias (*Araucaria angustifolia*) oferecem anualmente sementes nutritivas que são amplamente disseminadas pela fauna silvestre. No local também ocorrem espécies herbáceas de flores muito vistosas, a citar begônias, como a *Begonia olsoniae* (Begoniaceae); brincos-de-princesa, como a *Fuchsia regia* e *Fuchsia campoportoi* (Onagraceae); e várias bromélias.

## Jardins de flores nas nuvens

Os trechos da travessia com grandes moitas de bambus (*Chusquea* spp. – Poaceae) oferecem abrigo para a fauna e para o montanhista. São passagens difíceis de se transpor, assim como os trechos de capim alto. O capim amarelo (*Cortaderia modesta*) dá nome ao primeiro pico da travessia e pode ultrapassar 1,5 metros de altura, marcando a paisagem da Serra, principalmente nos Vales do Tartarugão e Ruah.

Das espécies ameaçadas de extinção presentes nos Campos de Altitude da Serra Fina destacam-se *Gallium shepherdii* (Rubiaceae), que está classificada como “criticamente ameaçada”; a marilis, *Hippeastrum morelianum* (Amaryllidaceae), classificada como “vulnerável”; e canela-de-ema, *Barbacenia gounelleana* (Velloziaceae) como “em perigo”. Já nas florestas ombrófilas, *Vriesea sazimae* (Bromeliaceae) e *Schlumbergera opunoides* (Cactaceae) estão definidas como “vulnerável” e *Begonia paulensis* (Begoniaceae) está “em perigo”.



Canela-de-ema *Barbacenia* sp.  
L.D.Meireles



Cacto *Schlumbergera opuntioides*  
L.D.Meireles



*Eryngium glaziovianum*



*Utricularia reniformis*



*Escallonia ledifolia*



Brinco-de-princesa *Fuchsia* sp.



## A fauna da Serra Fina...

A fauna da Serra Fina é bastante rica e diversa, com espécies da Mata Atlântica de ampla distribuição. Há também variedades mais restritas e endêmicas das fisionomias dos Campos de Altitude e das Florestas Nebulares Altimontanas.

Muitas dessas espécies são de difícil visualização, como o sapo-flamenguinho (*Melanophryniscus moreirae*), um anfíbio endêmico dos campos acima de 1.800 metros de altitude, que fica ativo durante a primavera e o verão. Já nos meses frios e secos, ele permanece enterrado no solo, em dormência.

O encontro com gaviões, andorinhas, beija-flores e sanhaços, durante a travessia, é facilitado por ângulos privilegiados para observação de aves, propiciados pela alta declividade e pelos afloramentos rochosos.

Os cantos das aves constituem uma forma segura de identificar as espécies, como o assobio longo e agudo da saudade (*Lipaugus ater*) e o chamado melodioso da garrincha-chorona (*Asthenes moreirae*), aves endêmicas das florestas e campos de altitude. Com maior facilidade é possível avistar a maria-preta-de-garganta-vermelha (*Knipolegus nigerrimus*), o beija-flor-rubi (*Heliodoxa rubricauda*) ou sanhaço-frade (*Stephanophorus diadematus*), que exibem cores vibrantes de plumagem sob a luz do sol.



Maria-preta-de-garganta-vermelha  
*Knipolegus nigerrimus*

D Gaspar



Sapo-flamenguinho  
*Melanophryniscus moreirae*

F Chiaradia



Garrincha-chorona  
*Asthenes moreirae*

F Chiaradia



Gavião-de-rabo-branco  
*Geranoaetus albicaudatus*

F Chiaradia



Saudade *Lipaugus ater*

F Chiaradia

## Pequenos e grandes animais

A presença de felinos, especialmente a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e o gato-domato-pequeno (*Leopardus guttulus*), é percebida pelo encontro de suas fezes, cheias de pelos e ossos, ao longo das trilhas. São espécies noturnas, tímidas e ameaçadas de extinção. Durante o dia pode-se, com sorte, avistar um tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) passeando pelas lajes rochosas.

Nas áreas de acampamento, atraídos pelos alimentos dos visitantes, podem aparecer pequenos roedores silvestres como os ratos-de-chão (*Bucepattersonius* sp., *Akodon* sp. e *Oxymycterus* sp.) e até pequenos gambás ou cuícas.

Para o conhecimento dessas e outras espécies, os estudos científicos e as expedições de monitoramento da Serra Fina pretendem reconhecer a biodiversidade animal local, contribuindo assim para a sua conservação. Esses estudos também podem contar com a colaboração de visitantes e guias de montanha através da plataforma iNaturalist, com o projeto "Fauna e Flora da Serra Fina - Mantiqueira".

[www.inaturalist.org/projects/fauna-e-flora-da-serra-fina-mantiqueira](http://www.inaturalist.org/projects/fauna-e-flora-da-serra-fina-mantiqueira)

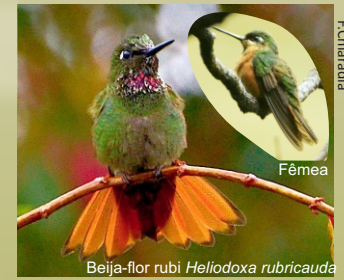


Morcego  
*Chrotopterus auritus*



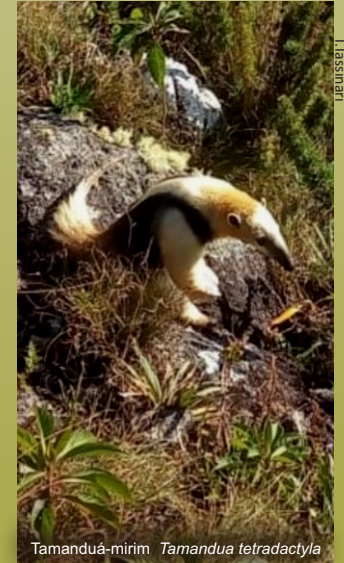
Borboleta *Vanessa brazilensis*

F Chiaradia



Beija-flor rubi *Heliodoxa rubricauda*

F Chiaradia



Tamanduá-mirim *Tamandua tetradactyla*

T Mashari



Lagarto  
*Aspronema dorsivittatum*

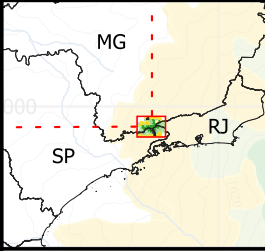
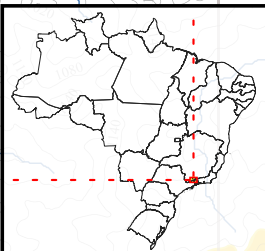
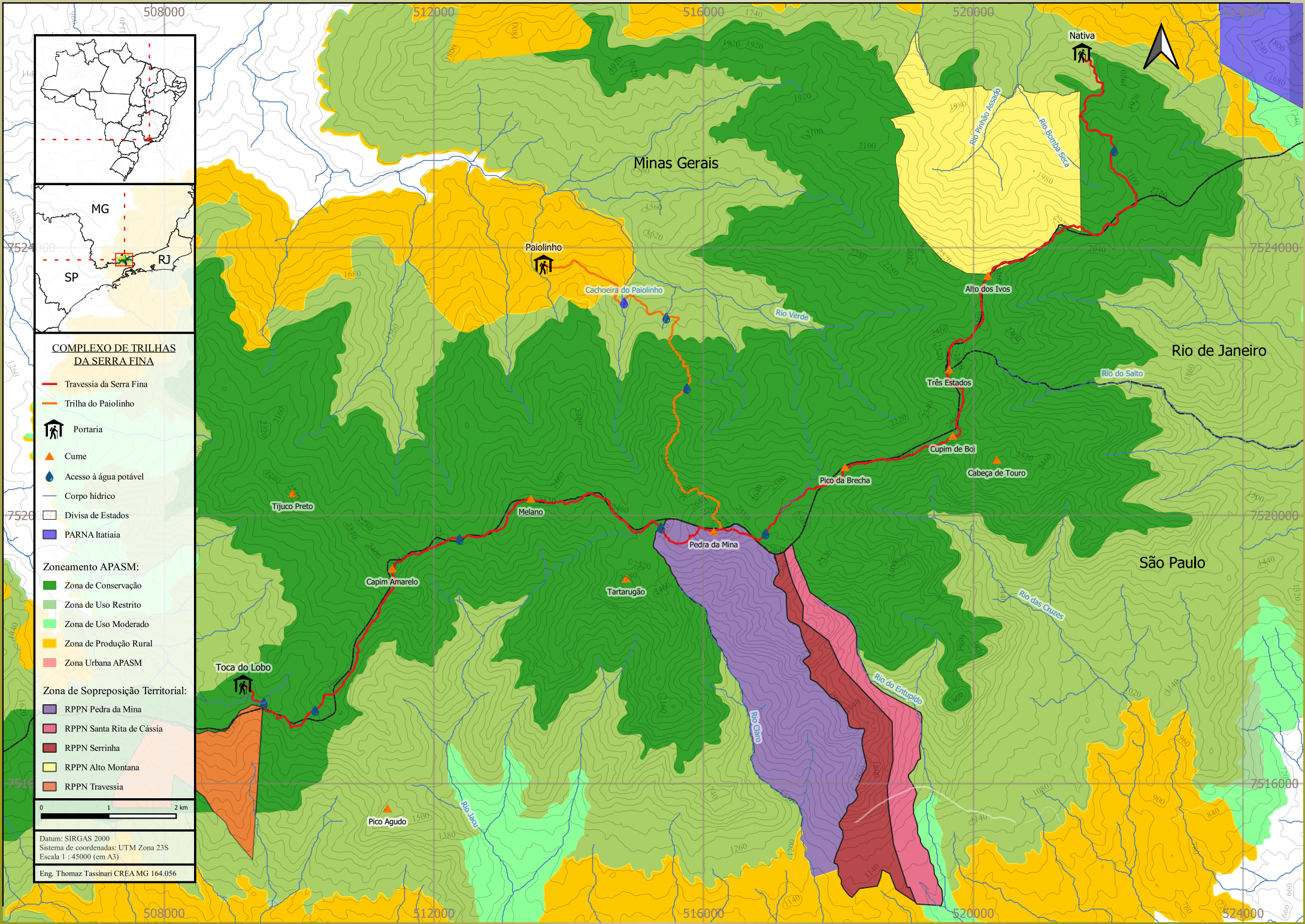
T Mashari



Tico-tico *Zonotrichia capensis*

F Chiaradia



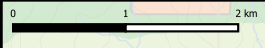


### COMPLEXO DE TRILHAS DA SERRA FINA

- Travessia da Serra Fina
- Trilha do Paiolinho
- Portaria
- Cume
- Acesso à água potável
- Corpo hídrico
- Divisa de Estados
- PARNA Itatiaia

- Zoneamento APASM:**
- Zona de Conservação
  - Zona de Uso Restrito
  - Zona de Uso Moderado
  - Zona de Produção Rural
  - Zona Urbana APASM

- Zona de Sobreposição Territorial:**
- RPPN Pedra da Mina
  - RPPN Santa Rita de Cássia
  - RPPN Serrinha
  - RPPN Alto Montana
  - RPPN Travessia



Datum: SIRGAS 2000  
Sistema de coordenadas: UTM Zona 23S  
Escala 1 : 45000 (em A3)  
Eng. Thomaz Tassinari CREAMG 164.056





Vale do Ruah

D.Gaspar

## A Serra Fina é um divisor de águas

O Maciço da Serra Fina desempenha um importante papel no regime de chuvas do Sudeste do Brasil, representando a mais alta barreira encontrada pelas frentes de ar polar, advindas da região antártica e do Oceano Atlântico.



Cachoeira do Paiolinho

T.Tassinari

A região também é um divisor de águas entre as Bacias Hidrográficas dos Rios Grande e Paraíba do Sul. Para o lado mineiro, vertem o Rio Verde, Rio Pinhão Assado, Rio Bomba Seca, contribuintes do Sistema Fluvial Rio Grande/Rio Paraná. Para a vertente paulista, correm o Rio Claro, Rio Entupido, Rio das Cruzes e Rio Jacú. Já para as terras fluminenses verte o Rio do Salto, todos afluentes do Rio Paraíba do Sul.

As Florestas Nebulares Tropicais de Montanha, como as localizadas no Maciço da Serra Fina, são tipicamente de locais úmidos, com constante neblina e sujeitos a ventos frequentes. Esse tipo de ecossistema tem a capacidade de interceptar a água das nuvens para a manutenção dos processos biológicos, direcionando o excesso ao solo. Dessa forma, o ambiente fornece um suprimento constante de água de alta qualidade, com menor dependência de eventos de chuvas diretas.

As águas que nascem na região abastecem muitas cidades da região. Algumas delas são estâncias hidrominerais como Passa Quatro, Caxambu e São Lourenço.



Nascente do Rio Claro

L.Mazzeolini

## A Serra Fina em 2020...

Até o início do século XXI, a Serra Fina era praticamente inacessível e recebia anualmente menos do que 20 pessoas – verdadeiros amantes da natureza e pioneiros no estabelecimento de suas trilhas de acesso. No ano 2000, Lorenzo Biagini, estudante da Universidade de São Paulo na época, mediu a altitude da Pedra da Mina, obtendo a cota de 2.797 metros. Já a expedição que mediu a atual e oficial altitude da Pedra da Mina, calculada em 2.798 metros, foi realizada pelo Exército Brasileiro através do projeto Pontos Culminantes. A partir daí, o local passou a ser o cume da Serra da Mantiqueira, superando o Pico das Agulhas Negras. Assim, a Pedra da Mina se tornou o maior pico do sudeste brasileiro, além do quarto mais alto do país. Essa descoberta geográfica foi amplamente divulgada pela mídia, atraindo um número cada vez maior de montanhistas e visitantes.



Em 2019, cerca de três mil pessoas visitaram o Maciço, conforme dados coletados do Livro do Cume. Esse número elevado de visitantes, sem nenhum ordenamento e controle, não era condizente com a capacidade de carga das trilhas. Os resultados dessa intensa visita foram desastrosos e trouxeram inúmeros impactos e problemas para a biodiversidade dos ecossistemas de montanha, que precisavam de maior proteção e controle.

Em julho de 2020, o acesso descontrolado culminou num incêndio de grandes proporções, iniciado por uma fogueira de autoria desconhecida. As chamas atingiram uma extensa área de cerca de 588 hectares do território das Cristas da Serra Fina, segundo levantamento de pesquisadores do LASA da UFRJ. Grande parte da vegetação rara e singular, característica e endêmica dos Campos de Altitude, foi afetada durante o desastre, acarretando riscos de sobrevivência e manutenção da fauna e flora presentes. O fogo chegou também à nascente do Rio Claro, localizado na RPPN Pedra da Mina, face sul paulista da Serra Fina, atingindo 61 hectares de ecossistemas com grande biodiversidade.

O incêndio mobilizou um grande número de voluntários, brigadistas, montanhistas e guias, contando também com o apoio da Força Aérea Brasileira, Exército, Corpo de Bombeiros e Polícias Militares de São Paulo e Minas Gerais. A Fundação Florestal (SP), o ICMBio e APASM, além dos proprietários rurais, também estavam presentes. Num esforço heroico, o conjunto se uniu para debelar o fogo, que durou cerca de sete dias.



## A nova Serra Fina ...

Para permitir a recuperação e regeneração ambiental da área atingida pelo incêndio, foi proibido o acesso do público às trilhas por um período de dez meses, a partir de Decretos Municipais emitidos pelas prefeituras dos municípios que abrangem as passagens de acesso às Cristas da Serra Fina. Posteriormente, a interdição foi prorrogada por mais um ano, a pedido do ICMBio e de seus proprietários rurais.

A Serra Fina não é uma área pública, mas um grande mosaico de propriedades privadas que sempre contou com o esforço de preservação individual de seus proprietários, os quais assumiram o compromisso de forma perpétua através da criação de várias Reservas Particulares de Patrimônio Natural (RPPNs). Dentre as reservas presentes, podemos citar a RPPN Pedra da Mina, a RPPN Serrinha e a RPPN Santa Rita de Cássia, em Queluz e a RPPN Travessia em Lavrinhas, do lado paulista, a RPPN Alto Montana, em Itamonte, e a RPPN Pedra Branca em Itanhandu, do lado mineiro.

Todos os acontecimentos recentes, como o incêndio de 2020, exigiram um esforço maior de organização dos proprietários. Em março de 2021 foi constituída a Associação dos Proprietários da Serra Fina (APSF), que tem o objetivo de conservar todo o território compreendido no limite de suas propriedades; regulamentar o trânsito de pessoas pelas trilhas que dão acesso aos seus atrativos naturais; e estabelecer uma estratégia eficaz de gestão territorial conjunta, em parceria com o ICMBio e as prefeituras locais.

Da mesma forma que as associações e RPPNs, é imprescindível que todos os visitantes assumam uma nova postura em relação à realidade atual do Maciço da Serra Fina, com a consciência ambiental necessária para o uso dos ambientes de montanha, garantindo sua regeneração e conservação, com atenção às boas práticas ambientais e respeitando as regras de visitação.

O engajamento de todos é muito importante e certamente evitará que outros desastres possam se repetir. A Serra Fina continuará compartilhando suas riquezas, sua rara biodiversidade, a beleza cênica de suas montanhas, suas águas e seus atrativos turísticos, para todos que desejarem conhecê-la, estudá-la e conservá-la.



Fotos: APSF

## Regras para uma boa visitação...

As regras para visitação têm o objetivo de diminuir os impactos da presenç a do público sobre a fauna, a flora, o solo e os recursos hídricos. Para ver todas as regras acesse: [trilhaserrafina.com.br](http://trilhaserrafina.com.br)

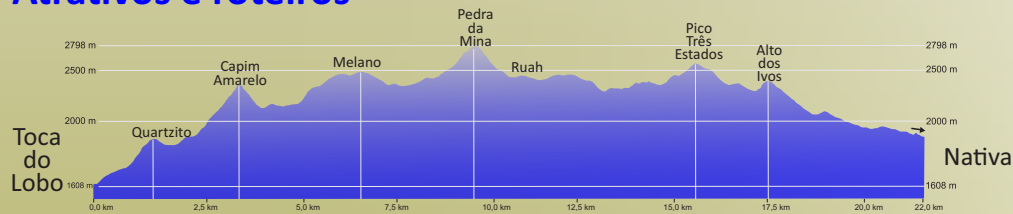
- **Não deixar rastros (*Leave no trace*), levar embora o lixo e dejetos produzidos;**
- **  obrigatório o uso de *shit-tubes* em todos os roteiros;**
- **Não coletar plantas;**
- **Não alimentar e nem tocar nos animais;**
- **Permanecer sempre na trilha principal;**
- **Não fazer fogo/fogueira**
- **Não lavar itens de cozinha nos corpos hídricos;**
- **Não acampar fora das áreas de *camping* estabelecidas;**
- **Agendar a visita junto ao receptivo;**
- **Levar  gua suficiente** de acordo com o roteiro escolhido. Há fontes de água potável no complexo porém a distância entre elas pode levar várias horas para ser percorrida;
- **Levar ao menos um *casaco impermeável*, tipo anoraque.** O tempo na serra está sujeito a mudanç as repentinas;
- **Portar *lanterna* de cabeç a (*headlamp*) com baterias extras,** pois imprevistos podem levar a atrasos nos roteiros;
- **Prefira realizar os roteiros acompanhado por *guias locais*.** Além da seguranç a, a visitação   enriquecida pelo conhecimento e experiência dos profissionais.
- **Certifique-se de levar *equipamentos adequados* de caminhada e acampamento, além de estar em *boa forma física*.**



L.M.Dias



# Atrativos e roteiros



## Cume do Quartzito

via Toca do Lobo  
(ida e volta)

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
4,3 km	429 m	2	2.013 km	1	1 dia

## Cume do Capim Amarelo

via Toca do Lobo  
(ida e volta)

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
8,6 km	950 m	2	2.392 km	3	1 dia

## Travessia da Serra Fina

via Toca do Lobo até Pierre (Nativa)

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
25,0 km	2.270 m	5	2.798 km	5	4 dias



## Meia Travessia Toca do Lobo

saída Toca do Lobo  
chegada Paiolinho

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
18,3 km	1.777 m	4	2.798 km	4	3 dias

## Cume da Pedra da Mina

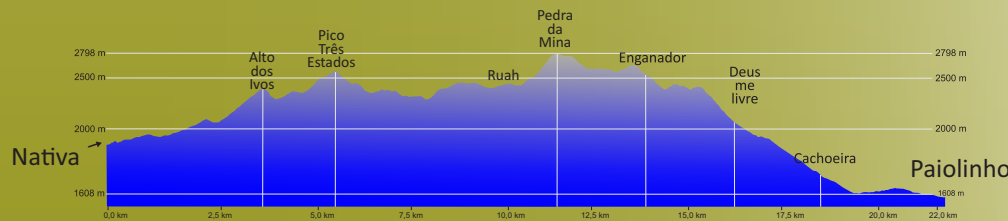
via Paiolinho  
(ida e volta)

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
15,4 km	1.340 m	5	2.798 km	3	2 dias

## Cachoeira do Paiolinho

ida e volta

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
3,6 km	100 m	1	1.650 km	1	1 dia



## Meia Travessia Nativa

saída Nativa (Pierre)  
chegada Paiolinho

distância	desnível acumulado	dificuldade física	altitude máx	dificuldade técnica	tempo caminhada
18,3 km	1.780 m	4	2.798 km	4	3 dias

Arte: F.Chiaradia

No meio do caminho

No meio do caminho tinha um pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

Em 1926, o poeta Carlos Drummond de Andrade viajou de trem por Passa Quatro até Pouso Alto, para conhecer seu amigo poeta Manuel Bandeira, com quem havia apenas trocado cartas. O poema “No meio do Caminho” foi publicado pela primeira vez em 1927 e teve enorme repercussão. É um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira. Se a inspiração foi o Maciço da Serra Fina, nunca saberemos!

## Autores:

**Thomaz Tassinari** - Mapa atrativos. Textos: apresentação, geologia, hidrologia e atrativos (valores). Fotos: capa, solos, fauna, vegetação.

**Laura Mira Dias** - Fotos: geologia, hidrologia, regras.

**Denise Gaspar** - Textos: apresentação, vegetação, fauna. Fotos: vegetação, fauna, geologia, hidrologia.

**Fernando Chiaradia** - Arte: criação, diagramação e arte final. Textos: apresentação, geologia, fauna, hidrologia, pesquisa poema. Fotos: geologia, vegetação, fauna, poema.

## Colaboradores:

**Leonardo Dias Meireles (USP)** - Vegetação. Texto e Fotos.

**William dos Santos Ribeiro (UFLA)** - Vegetação.

**Diego Tassinari (UFVJM)** - Hidrologia e solos.

**Gabrielle Gonçalves de Carvalho (USP)** - Revisão de texto.

## Realização:

